VOL. 15 | Nº 1 | 2023 E-ISSN: 1982-8713 PUBLICADO EM 10 MAI 2025

NEARCO

Revista Eletrônica de Antiguidade e Medievo
Núcleo de estudos da Antiguidade
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

VESTÍGIOS DE UMA CIVILIZAÇÃO: O ELO PERDIDO ENTRE FOGO, CINZA E A PRÁTICA DO PALIMPSESTO

TRACES OF A CIVILIZATION: THE MISSING LINK BETWEEN FIRE, ASH AND THE PRACTICE OF PALIMPSEST

BERNARDO ARAUJO BELFORT BASTOS [11]

RESUMO
O encontro entre Roma e Cartago gerou trocas culturais, mas também mortes e destruição. Cartago, a cidade estado poderosa do Mediterrâneo, não foi somente destruída territorialmente em 146 a.e.c., mas principalmente esfacelada na sua existência. Poderíamos classificar a destruição física da cidade de Cartago, seguida do desaparecimento de sua história como um etnocídio cartaginês?

PALAVRAS-CHAVE: Cartago, etnocídio e representação

ABSTRACT
The meeting between Roma and Carthage generated cultural exchanges, but also deaths and destruction. Carthage, the powerful city-state of the Mediterranean, was not only destroyed territorially in 146 BC, but mainly shattered in its existence. Could we classify the physical destruction of the city of Carthage, followed by the disappearance of its history as a Carthaginian ethnocide?

KEYWORDS: Carthage, ethnocide and representation

[1] Doutorando em Arqueologia pelo Museu Nacional/ PPGArq da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orientador: Prof. Drº André Leonardo Chevitarese. Pesquisa: O Rio de Janeiro e a cultura material: Análise arqueológica e comparativa dos tijolos no Rio de Janeiro, no período que compreende os séculos XVIII ao XX. Bolsista da CAPES. Mestre em História Comparada/PPGHC Pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisador do NEA/UERJ. E0Mail bbelfort0@gmail.com

INTRODUÇÃO

A história está marcada por encontros e conflitos na antiguidade que de uma maneira ou outra moldaram e influenciaram a organização política e cultural dos nossos tempos. Cartago, a cidade estado poderosa do Mediterrâneo, não foi somente destruída territorialmente em 146 a.e.c., pelo fogo e pelo sal, como nos relata os documentos e a historiografia, foi principalmente destruída na sua existência. Qualquer traço remanescente de uma cultura material, como escritos, obras de arte, tem pouco registro, sua arte ao contrário dos afrescos egípcios, mosaicos romanos e vasos gregos, que mostram os indivíduos no cotidiano, suas vestimentas e hábitos, festas não nos oferece imagens consistentes, assim como a cultura imaterial: a língua cartaginesa e sua memória completamente aniquilada. Três quartos da sua população foi dizimada, enquanto um quarto foi colocada em cativeiro, onde os contatos rareavam causando um desastre étnico em poucos anos, devido a ausência do contato físico[2].

A história de Cartago ficou relegada aos documentos romanos e senatorias, causando uma deformação sobre a vida e a história dos cartagineses, onde a alteridade foi propositalmente negligenciada. O imaginário social da memória cartaginesa foi construída ao longo dos tempos pelos romanos que utilizaram-se sem parcimônia de um forte eurocentrismo, ignorando particularidades, negando as virtudes e enaltecendo as deformidades, destarte criando um povo completamente distante dos que poderíamos imaginar como factível. Cartago de cidade estado poderosa transformou-se, através dos anos, pela historiografia ocidental, numa mera e simples adversária de Roma que fora derrotada pela ambição e o ódio de uma família: Barca.

A historiografia ocidental já não se mostrava mais capaz de responder os questionamentos cartagineses, principalmente sobre o homem cartaginês, vistos como exóticos e inferiores a Roma e Grécia. É certo que temos muitas informações, questionáveis, sobre as três guerras contra os romanos, mas apenas breves informações sobre o povo, seus costumes e hábitos, sua religião, a mentalidade social e sua

[2] Seja para trocas e experiências culturais seja pela própria reprodução entre eles.

organização sociopolítico sem um espelhamento com a Grécia e Roma, o que de maneira geral deforma as informações e não responde aos questionamentos.

Com a ajuda do estudo multidisciplinar agregando saberes da arqueologia, e a antropologia podemos dialogar pelo amplo campo das investigações da ciência do comportamento humano para ampliarmos a compreensão da realidade e dos aspectos político, social, econômicos, cultural e militar.

1.1. DISCURSOS SOBRE A ABORDAGEM EUROCENTRISTA PARA A CONSTRUÇÃO DA ALTERIDADE CARTAGINESA

O professor Edward Said afirma que abordagem historiográfica ocidental não considera o Oriente como lugar das mais ricas e mais antigas colônias europeias, a fonte de suas civilizações e línguas, o seu rival cultural é uma das imagens mais profundas e mais recorrentes do outro (SAID, 2007, p. 27). Por sua vez Karl Marx[3] no livro *Do dezoito de Brumário de Luís Bonaparte*, inicia com uma forte citação *"[...] eles não podem representar a si mesmo, devem ser representados".* O poder da representação, por meio da coerção e da produção intelectual interfere no destino dos povos não europeus. A capacidade de representar o outro constitui o sentido da sua atividade que existe na relação com o outro ou com o poder historicamente definido (GOLDMAN, 2014. P. 99).

Corroborando com a afirmativa de Edward Said destacamos um fragmento do texto de Georg Wilhelm Friedriich Hengel, expoente filosofo germano do final do século XVIII e início do XIX, que influenciou o pensamento da filosofia ocidental sobre sua análise sobre Cartago e Egito: *"[...] com isso deixamos de lado a África. Não vamos abordá-la posteriormente, pois ela não faz parte da história mundial; não tem nenhum movimento ou desenvolvimento para mostrar, e o que porventura tenha acontecido nela – melhor dizendo, no norte da África – pertence ao mundo asiático e não ao europeu. Cartago foi um momento importante e passageiro; mas como colônia fenícia pertencente a Ásia. O Egito será abordado como transição do espírito humano do*

[3] MARX, Karl, O 18 de Brumário de Luís Bonaparte, SP: Boitempo Editorial, 2011.

Oriente para o Ocidente, mas ele não pertence ao espírito africano [...][4]. Para Hegel[5], que faz parte do cânon filosófico da história ocidental, os africanos não possuem divindade ou consciência de algo superior, não são considerados homens históricos, sendo excluídos da análise histórica da razão por não possuírem nada que a cultura europeia da época considerasse relevante por parte do mundo civilizado[6]

> [...] O negro representa, como já foi dito, o homem natural, selvagem e indomável. Devemos nos livrar de toda reverência, de toda moralidade e de tudo o que chamamos de sentimento, para realmente compreendê-lo. Neles, nada evoca a ideia de caráter humano. [...] Entre os negros, os sentimentos morais são totalmente fracos – ou, para ser mais exato, inexistente. [...] Com isso, deixamos a África. Não vamos abordá-la posteriormente, pois ela não faz parte da história mundial; não tem nenhum movimento ou desenvolvimento para mostrar. (HEGEL, 1995, p. 84-88)

O professor Edward Said lança uma provocação ao perguntar o porquê permitir uma história própria a Cartago ou Aníbal se nós ocidentais poderíamos fazer isso por eles?

Essas premissas norteiam a história ocidental porque a ideia imperialista estabelece que todos os nativos possuem existência em virtude do que foi estabelecido para eles, mas é certo que nós ocidentais estabelecemos a nossa história como central, onde os nativos são e serão sempre participantes de uma periferia onde uma maioria é minorizada[7]. O imperialismo age no sentido de definir os padrões históricos e não permitir que Cartago/África um dia pudesse ter uma história ou cultura independente[8].

> Há em primeiro lugar, a autoridade do autor – alguém que põe em palavras os processos da sociedade de uma maneira institucionalizada aceitável, observando convenções, seguindo padrões e assim por diante. Há a seguir, a autoridade do narrador, cujo discurso escora a narrativa em circunstâncias capazes de ser reconhecidas e, portanto, carregadas de referências existenciais. Por último, há o que poderíamos chamar de autoridade da comunidade, cujo representante na maioria das vezes, é a Família, mas também a nação, a localização específica e o momento histórico concreto. Juntos, elas funcionaram da forma mais enérgicas e perceptível durante a

[4] Hegel, Georg Wilhelm Friedriich, Filosofia da História, Distrito Federal. Editora UNB, 1995.p.88
[5] HEGEL, G.W. F. Filosofia da história. Brasília: Ed. UnB, 1995. p 84
[6] PRAXEDES, W. L. Eurocentrismo e racismo nos clássicos da filosofia e das ciências sociais. Revista Espaço Acadêmico, 2008. p 01
[7] Conceito teórico de Richard Santos, de subverter o modo de pensar onde as relações sociais construídas fazem que, apesar de maioria numericamente, os periféricos são percebidos como minoria. SANTOS, Richard. Maioria Minorizada: um Dispositivo Analítico de Racialidade, editora Telha. 2020
[8] SAID, Edward W. Cultura e Imperialismo. Companhia das Letras, 2011. P.19

> primeira metade do século XIX, quando o romance se abriu para a história de uma maneira sem precedentes (SAID, 2011. P. 139)

A proposta de se construir um estudo não hegemônico, implica em profundas modificações de procedimento, com uma notável e insistente vigilância sobre o que poderíamos chamar de "Colonialismo Epistemológico" com a desconstrução das categorias eurocêntricas combatendo a assimetria consolidadas pelas narrativas ocidentais que impõem sua forma de vida ao mundo. Said (2006.p19) mostra que o imperialismo foi responsável por produzir um conhecimento distorcido do outro, reflexão semelhante ao pensador do "hibridismo" Homi Bhabha (1984)[9].

Não se pode construir um conhecimento sem que exista uma intenção política, são questões indissociáveis, dessa forma Said defende o compromisso com o *desmantelamento dos sistemas de dominação,* através da afirmação da identidade e a existência de uma história própria sem vínculos com os prevalentes, desconstruindo a representação ocidental de mundo (SAID, 2011.p. 11). Somente dessa forma, dando voz a quem foi calado, e com estudo do contraponto, poderemos construir um caminho livre para as histórias perdidas ou ocultadas, uma espécie de emancipação do imperialismo colonial (SAID, 2001, p.56).

No livro *Cultura e Imperialismo* (2011), Said cita os autores; Eric Hobsbawn e Terence Ranger (2006) que se utilizam do termo "Tradição Inventada" para explicar o chauvinismo, ódios étnicos, religiosos e raciais de um imperialismo expansionista. Por "Tradição Inventada" entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam imprimir certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado" (HOBSBAWM, e RANGER, 2006, p.9). Segundo o antropólogo haitiano, Michel-Rolph

[9] BHABHA, Homi. The location of culture. London/New York: Routledge,1994.

Trouillot, houve na verdade um silenciamento da história[10] africana, e por consequência da história cartaginesa que passa de protagonista na antiguidade para mero coadjuvante de Roma. O historiador alemão do século XIX, Johann G. Droysen acrescenta que "[...] a história só confere imortalidade àqueles que ela escolhe para fazer deles os pioneiros de suas vitorias e os artesãos de seu pensamento" (DROYSEN, 2010.p035).

No século XVIII, o cientista sueco Charles Linné criou uma classificação hierárquica de homo sapiens, em 1778 que muito influenciou e contribuiu para um discurso racista e um discurso político ideológico europeu, que serviu para justificar a violência colonial orientalista

Homens	**Características**
Selvagem	Quadrupede, mudo e peludo
Americano	Cor de cobre, colérico, ereto. Cabelos negros, lisos, espessos, narinas largas, semblante rude, barba rala, alegre, livre; Guia-se por costumes
Europeu	Claro, sanguíneo, musculoso, cabelo louro e castanhos, ondulado, olhos azuis, delicado, perspicaz e inventivo Governado por leis; Coberto por vestes justas.
Asiático	Escuro, melancólico, rígido, cabelos negros, olhos escuros, severo, orgulhoso, cobiçoso; Coberto por vestimentas soltas; Governado por opiniões.

[10] Silêncios ingressam no processo de produção histórica em quatro momentos cruciais: no momento da criação do fato (na elaboração das fontes); no momento da composição do fato (na elaboração dos arquivos); no momento da recuperação do fato (na elaboração das narrativas); e no momento da significância retroativa (na elaboração da história) (TROUILLOT, 1995. p. 58)

Africano	Negro, fleumático, relaxado, cabelos negros, crespos, pele acetinada, nariz achatado, lábios túmidos, engenhoso, indolente, negligente; Unta-se com gordura; Governado pelo capricho.

Quadro 01. (HERNANDEZ, 2008. p.19)

Os cânones da historiografia ocidental nos levaram a crer numa história universal, como único ponto de partida e chegada e que a "razão", a "ciência" e os conceitos universais do Iluminismo como o "moralismo" definam o Ocidente como detentor exclusivo de um saber histórico cujo referenciais greco-romano-judaico-cristão como o único norte para a produção intelectual. **O Iluminismo europeu ao criar a ideia de universalização de uma história moralista, converge todos os sentidos para uma mesma direção. Immanuel Kant afirma que ao dominar essas matrizes os vetores encontraram como resposta um estado global e universal (KANT, 1986, pp. 10-11).** Temos que necessariamente passar pela história europeia citando seus importantes autores e intelectuais para que a nossa pesquisa seja considerada relevante e aceita pela academia? Estaríamos nós condenados a conhecer e usar somente a história europeia?

O historiador indiano especializado na teoria pós-colonial para os estudos subalternos, Dipesh Chakrabarty diz que no terceiro mundo estamos condenados a entender a Europa como início da modernidade, enquanto o historiador europeu não partilha da mesma responsabilidade em relação ao passado da maioria da humanidade[11].

Kant retoma seu discurso sobre o homem africano *[...] Homens que cheiram mal e tem a pela negra por maldição divina[...]*[12]. Para realçar a importância da manipulação das narrativas, o professor Brien Garnand[13] exemplifica dizendo que os fenícios (púnicos) mostraram uma extraordinária perspicácia no comércio e nas comunicações chegando a colonizar o Mediterrâneo Oriental antes dos gregos e assim disseminando um dos seus maiores tesouros – a invenção da escrita alfabética. Ao mesmo tempo, os fenícios (púnicos) ganharam a reputação de pirataria e fraude, sendo

[11] CHAKRABARTY, Dipesh, A póscolonialidade e o artifício da história, Jornal on Theory Histography. 2020, pag. 248
[12] KANT, Emmanuel. Geografhie phisique: Geographie. Paris:Aubier, 1999
[13] Brien K. Garnand is a professor in the Classics department at Howard University

também acusados de infanticidas e de submeter-se a prostituição, de acordo com as fontes clássicas e bíblicas[14] (GARNAND, 1993, p. 03). O papel dos fenícios na economia, cultura e política do Mediterrâneo antigo era tão grande quanto o dos gregos e romanos, e profundamente interligado com aquele mundo "clássico", mas a ausência de documentos originais associado a um projeto de apagamento da história do "outro" e somando a acrisia de uma historiografia eurocêntrica significa que eles são muito menos conhecidos (QUINN e VELLA, 2014, p.02). Ainda em relação a África, o filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) falou em um curso sobre Filosofia que: *"[...] a África não é uma parte da história do mundo. [...] Aquilo que entendemos precisamente pela África é o espírito a-histórico, o espírito não desenvolvido, ainda envolto em condições de natura".* Podemos afirmar sem receio que conceitos universalizados, moralista e ocidentais não respondem as questões dos "orientalizados"[15]. Pra Hegel o Mediterrâneo era o elemento catalizador que unia o mundo e promovia a civilização, interligando a Europa, a Ásia e a África. (HERNANDEZ, 2008. pp.17-18). Acrescenta Hegel:

> [...] a Europa é a parte do mundo do espírito, do espírito unido em si mesma, e que tem se dedicado à realização e conexão infinita da cultura [...] a Ásia é o país dos contrastes [...] um dos lados dos contrastes é a moralidade, o ser universal [...] o outro lado é a oposição espiritual, o egoísmo. O ilimitado dos apetites e a desmedida extensão da liberdade[...]" A África não tem interesse histórico próprio, senão a de que homens vivem ali na barbárie e na selvageria, sem fornecer nenhum elemento à civilização. Por mais que retrocedemos na história, achamos que a África está sempre fechada no contato com o resto do mundo, é um eldorado recolhida em si mesma, é o país criança, envolvido na escuridão da noite, aquém da luz da própria consciência [...] nessa parte da África não pode haver história. [...] encontramos aqui o homem no seu estado bruto [...] um homem dominado pela paixão, pelo orgulho e pela pobreza. É um homem estupido. [...] tudo isso está no homem em seu estado bruto, em cujo caráter nada se encontra que pareça humano [...] (HEGEL, 1928. pp.187; 189; 190; 192; 193 e 194)[16]

[14] Na Bíblia, os fenícios são inimigos colocados contra os israelitas; nas narrativas regionais, os fenícios são os ancestrais dos libaneses (maronitas e drusos), não dos israelenses e nas narrativas ocidentais, os depravados-fenícios são árabes muçulmanos colocados contra os romanos (GARNAND, 1993, p. 22).
[15] Entendemos "Orientalizados" como os outros, os que estão fora dos ditos padrões europeus de civilização.
[16] HEGEL, George W.F. Filosofia de la historia universal. Madri: Revista de Occidente, 1928.

Karl Marx no livro Ideologia alemã[17] evoca sua feroz e mordaz crítica ao Iluminismo e aos ideólogos alemães da escola Hegeliana[18] mostrando a força com que os conceitos de tendência globalizantes levaram a tradição ocidental a estabelecer um monopólio universal de todo o saber, hoje poderíamos sustentar a tese de um colonialismo do saber. Marx, na verdade, contrapõe a ideia do idealismo moralista de Hegel, sustentado por percepções abstratas que, segundo ele, são ideias, conceitos e expressões reificadas por Hegel. Através do conceito de materialismo, Marx combatia essa expressão invertida da realidade, apresentada por Hegel manifestada como universal que insistiu em incorrer no engano da transmutação lógica, trabalhando com abstrações que reproduzem esse pensamento da burguesia (no sentido abstrato e não sensorial) e não com o concreto, com a necessidades essenciais humanas. Marx insistiu que nem o pensamento abstrato e nem sempre a percepção sensorial[19] formam objeto da ciência, porque as aparências tanto revelam quanto ocultam, sendo assim, existe a necessidade de se fazer ciência.[20]

Domenico Losurdo, importante intelectual italiano aponta a ideia de que conceitos ocidentais não respondem questões orientais, que uma guerra não é exclusividade de totalitarismos, ao contrário do que apregoam as belas e edificantes "democracias" ocidentais, herdeiras da tradição "greco-romana-judaico-cristã". Losurdo ainda afirma que o Ocidente não é o detentor exclusivo de um saber histórico e que os ideólogos do iluminismo não foram capazes de compreender as razões e o desespero de suas vítimas. Mais uma vez, a grande ausente é a história (LOSURDO, 2020, P. 43).

[17] Marx também faz duras críticas à Filosofia do Direito de Hegel. Manuscrito de 1843, publicado postumamente. Apenas a introdução - escrita por Marx entre dezembro de 1843 e janeiro de 1844 - foi publicada nos Deutsch-Französische Jahrbücher entre os dias 7 e 10 de fevereiro de 1844.

[18] Marx estudou na Universidade de Berlim no período que começa a dissolução da filosofia clássica alemã. Hegel exerceu docência a partir de 1818, da qual chegou a ser reitor dessa universidade que se transformou num centro do hegelianismo (Jose Paulo Neto, Karl Marx, uma biografia, S.P. Boitempo, 2020, p.47)

[19] A ideologia a qual Marx se refere pode esconder a percepção sensorial.

[20] Teoria em Marx é igual a reprodução ideal do movimento real do objeto, porque a teoria pretende extrair da própria realidade o seu movimento. É a realidade que se manifesta no olhar do observador, contudo a aparência não esgota o fenômeno em si. (NETTO, José Paulo. Introdução ao método de Marx com José Paulo Netto (primeira parte) - PPGPS/SER/UnB. Youtube, 19 abr. 2016. Disponível em:< https://m.youtube.com/watch?v=2WndNoqRiq8> Acessado em 19 dez. 2021.

Por sua vez, Said ao se utilizar do conceito: "*Domínio da Representação*" parte fundamental da sua pesquisa, reivindica a importância da *Estrutura de Atitudes e Referencias*, que são projeções de uma cultura imperialista, impondo suas condições num jogo onde o outro é mero coadjuvante. Said se utilizou de exemplos destacando as narrativas construídas pelos romances, teatros, poesias, para verificar a representação do "outro", o cartaginês de forma disforizada, dessa forma mobilizando o conceito de *Contraponto*, e trazendo para o debate Gustave Flaubert autor da segunda metade do século XIX, que escreveu um romance passado no norte da África chamado Salammbô (2005), nome fictício de uma suposta irmã de Aníbal Barca que segundo Said, Flaubert se fechou numa estrutura criada por ele mesmo e assumiu a forma do colonizador, e a manutenção desse aparato incorporador requerendo um esforço incessante. Para a vítima, o imperialismo oferece duas alternativas: servir ou ser destruída. (SAID, 2011. pp. 257-271).

As representações ocidentais do mundo fenício-cartaginês constituem o que Edward Said costuma chamar de *"Sistema Coerente de Conhecimento"* (SAID, 2007, p. 177). A partir desse conceito, Said amplia o discurso com a ideia de abrir possibilidades de observação inter-relacionais e culturais compostas pela coexistência, cooperação e as comunicações socioculturais produzidas entre as sociedades. (SAID, 2007, p. 29). Said ainda defende que o imperialismo foi responsável por produzir um conhecimento distorcido do outro, bem como suas próprias imagens reduzidas (SAID, 2011.p.19), tendo como preceitos combater o reducionismo histórico mostrando que nada do que acontece na história se dá isoladamente e isento de influências reciprocas e externa como na relação Cartago e Roma.

Ao evocar Said temos a perfeita compreensão de que o autor defende o direito de que os grupos humanos pouco ou não representados possam falar de si mesmo, se representarem e criarem o que o autor chama de *"desmantelamento dos sistemas de dominação"* (SAID, p. 30). Said procura um modelo para trabalhar a relação entre cultura e império e dá ênfase as narrativas, tanto as que permitiram a dominação imperial do mundo não europeu quanto aquelas criadas e utilizadas pelos povos colonizados para afirmar sua identidade e existência de uma história própria (SAID, 2011, p11), as

resistências dos nativos, as narrativas emancipadoras e desconstrutoras da representação de Cartago (SAID, 2011, p. 21).

> A tese de meu livro é que essas populações e vozes já estão aqui faz tempo, graças aos processos globalizados desencadeados pelo imperialismo moderno; ignorar ou minimizar a experiência sobreposta de ocidentais e orientais a interdependência de terrenos culturais onde o colonizador e colonizado coexistiam e combateram um ao outro por meio de projeções, assim como de geografias e narrativas e histórias rivais, é perder de vista o que há de essencial (SAID, 2011. p.22)

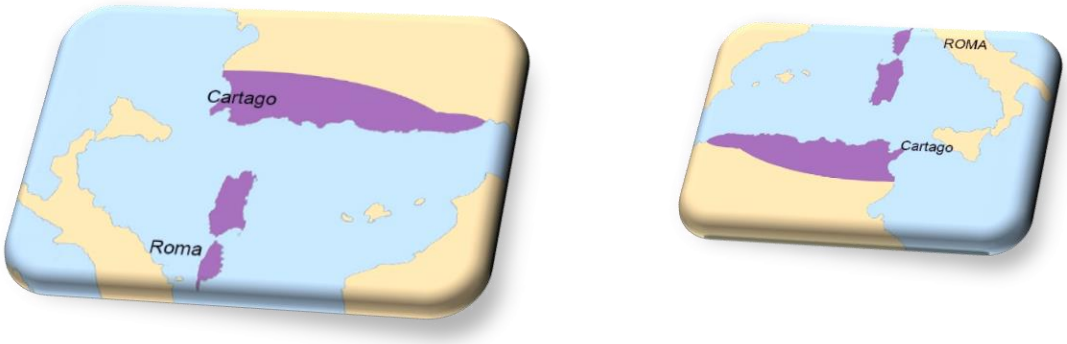
A Identidade para Said é uma forma de enxergar a realidade e mostrar que todas as culturas são mutuamente imbricadas, nenhuma é pura e única, todas são híbridas, heterógenas, diferenciadas, sem qualquer procedimento monocrático (SAID, 2011, p.30). Com Said poderemos rejeitar totalizações e reducionismos para podermos construir contrapontos dando ênfase a história sobreposta de Cartago e Roma (SAID, 2011.p.56). Ao trazer para o debate Edward Said, destacamos ao máximo que possível algumas obras relacionadas como parte da relação entre cultura e império, identificando a cultura e suas formas estéticas derivadas das experiências históricas.

1.2. OCIDENTE COMO FORMAÇÃO DE DOMÍNIOS

Edward Said sustenta que nem o conceito de “Oriente” e nem o de “Ocidente” tem estabilidade ontológica, ambos são construções de esforços humanos *[...] e que o Oriente foi uma invenção europeia e que fora desde a Antiguidade um lugar de episódios romanescos, seres exóticos, lembranças e paisagens encantadas, experiências extraordinárias [...] o Oriente não é apenas adjacentes à Europa; é também um lugar das maiores, mais ricas, e mais antigas colônias europeias, a fonte das suas civilizações e línguas seu rival cultural e uma das imagens mais recorrentes do outro [...] o Oriente é uma parte integrante da civilização e da cultura material europeia.* (SAID, 2007.p 13-27,28)

Na configuração dos mapas árabes[21] a posição geográfica atende uma outra lógica que não a ocidental, portanto a Europa não está no centro e na parte superior, para configurar uma posição de destaque e superioridade. Vejamos o mapa com uma orientação cartaginesa ignorando as tradições eurocêntricas usadas pelo ocidente.

Mapa com orientação cartaginesa. Mapa com orientação Ocidental.



Mapa 01: O mapa com orientação sul coloca Cartago numa posição de destaque superior "engolindo" Roma. https://es-academic.com/dic.nsf/eswiki/231116 . Acessado em 26 de abril de 2022

Estamos diante de uma supressão da geografia no exercício da alteridade, uma *geografia imaginativa*[22] e suas representações por intermédio de mapas culturais, das artes, dos textos acadêmicos e literários e que segundo Said alimenta as decisões políticas imperialista e colonialista, definindo o oriente por meio de contrates. Foi assim criado uma alteridade de Cartago sob a lógica romana, um projeto de aniquilamento físico de uma cidade, mas principalmente a destruição de uma cultura, de uma civilização, de uma etnia. Cartago ficou preso aos romanos no conjunto de símbolos, alegorias, conceitos, mitos, rituais, memórias e imaginação. Elementos que moldam condutas e estilos de vida de um coletivo, estabelecendo uma ordem coercitiva imposta por um *Status Quo* para manter a preservação de um passado construído sob a ideia de

[21] Mapas de al-Sharif al-Idrissi (1101-1165), um dos mais importantes expoentes da cartografia islâmica. Geografo e biologo, Al-Idrissi estudou em Cordoba e acabou se estabelecendo na corte normanda de Sicília, onde o rei Roger II se transformou no seu mecenas. Na Sicília al-Idrissi escreveu a obra conhecida no Ocidente como Livro de Roger (Tábula Rogeriana, em latim),a pedido do rei.

[22] "*Geografia Imaginativa"* é um conceito cunhado por Edward Said para constituir uma imagem de preponderância da Europa. "[...] o oriente é parte integrante da civilização e da cultura material da Europa" (SAID, 2013, p. 28)

superioridade. Cartago permanece no imaginário social romano, como uma terrível inimiga que foi batida pelo heroísmo dos seus antepassados, que traz uma autoestima presente até os dias atuais, mas para isso precisou de uma Cartago que fosse construída sob a ética e a estética romana.

1.3. ANTONOMÁSIA DOS FENÍCIAS E DOS PÚNICOS

Guerras Romanas-Cartaginesas formaram um conjunto de batalhas, que foram agrupadas pelos documentos e posteriormente usada pela historiografia para denominar as guerras como *"púnicas"*[23] pelo domínio do Mar Mediterrâneo na Antiguidade. A expressão tem origem na denominação *"puni"* que os romanos deram aos fenícios caracterizando uma demonstração de desprezo com os povos semitas em geral e particularmente com os cartagineses, pois no Mediterrâneo helenizado era comum alguns grupos sociais serem tratadas com menosprezo. As inúmeras batalhas campais agregadas sob a patente de Guerras Púnicas e repetido *ad infinitum* pela historiografia, foram construídas para perdurar no tempo a fim de manter vivos os significados que carregam para serem lembrados segundo os critérios dos vencedores.

Os etnônimos designados aos fenícios e púnicos não eram os mesmos pelos quais esses grupos sociais se identificavam. Os fenícios do oriente se denominavam como cananeus (Kn`nm)[24] povo originário da região de "Canaã, que hoje comtemplaria o Líbano, Israel, Jordânia e Síria. Entre os cananeus estavam inclusos os Jabuseus, Amorreus, Heveus e Girgaseus. Estudos mais recentes apoiados por investigações interdisciplinares, relacionando diferentes áreas do conhecimento baseados em contextos históricos como a arqueologia nos fornece dados que apontam as regiões que nós conhecemos como fenícias pelos povos da antiguidade na Idade do Bronze como povos cananeus. Nenhum documento desse período usa o termo "fenício" (MARKOE, 2000, p.15). O gentílico "fenício" foi cunhado pelos gregos entre os séculos IX e VII

[23] Púnico significa aquele que não tem palavra, que é desleal, que age de má-fé, comerciante enganador
[24] Segundo a Bíblia Judaica, os cananeus teriam sido uma das sete divisões étnicas expulsas pelos israelitas após o Êxodo (Deuteronômio, 7:1).

a.e.c.[25] para definir o povo semita oriental como um todo e não tem procedência em nenhum documento conhecido, seja textual ou epigráfico (AUBET. 2006. P. 6-7; PRAG, 2006. P. 25-26), também não existe registros que os cartagineses se identificavam como púnicos, caracterizando uma forma de desqualificar os habitantes de Cartago, carregando preconceitos, pois sabemos através da peça teatral de Plauto que púnico significa enganador, dada a origem semítica e as práticas de comércio exercida por esse grupo social (PRAG, 2006. P. 7-8).

> Os cartagineses foram descritos como enganadores, depois como prostitutas e aproveitadores sem escrúpulos que sequestravam indefesos [...] foram chamados de extravagantes e moralmente depravado que prostituía suas filhas e seus filhos e os matavam em nome dos seus deuses (MARKOE, 2000. P.11)

A identidade cívica para quem é de Cartago é ser reconhecido como cartaginês (PRAG, 2006. P. 24). Já Homero (Odisseia XV 415-482) usa o termo *"phoinikes"* para designar o povo e o termo *"Phoiniké"* para a região que se ligam ao termo *phoinix* (vermelho púrpura) devido a produção de tintura de tecidos quer eram típicas das cidades fenícias[26] (MOSCATI, 1995. P. 1-15), e os antigos israelitas chamavam *"ponim*" que se espalhou para os gregos como *"phoenices"* e para os romanos *"poenus"* (HOYOS, 2010. P. 01)

Os nascidos em Sidon se reconheciam como sidônios, os de Tiro[27], tirenses, de Gebal, biblos, já o termo *"poenus"* toma uma amplitude maior e passa a ser mais do que uma simples referência a cartaginês, aufere um significado negativo, relacionado a "enganador" (PRAG, 2006. P. 12-16). Hoje o termo "fenício" identifica o semita que vivia na região correspondente ao atual Líbano e por volta do século I, identificando também o semita que viveu na região mediterrânica ocidental entre os séculos VIII e VI a.e.c. (PRAG, 2006. P. 4), segundo a historiadora Glenn Markoe, os fenícios tinham raízes

[25] Principalmente em três acontecimentos: a Guerra de Dionísio I (Dionísio tomou o poder em Siracusa depois da Guerra contra Cartago em 504 a.e.c., Siracusa se transforma numa fortaleza ocupando cidades gregas. Foi vitorioso em outra guerra contra Cartago no cerco de Motia (397-396 a.e.c., limitando Cartago somente ao noroeste da Sicília.) de Siracusa, no século V a.e.c.., a conquista de Tiro em 332 a.e.c. e o nascimento de Alexandria em 331 a.e.c.. que se tornaria uma das principias rivais de Cartago.
[26] O termo também poderia ter sido usado primeiramente por causa do corante vermelho (Púrpura de Tiro) feito a partir de um molho do peixe picante chamado "Garum" usados para temperar alimentos salgados (Hoyo, 2021. P. 06) vide anexo final do capitulo.
[27] O primeiro líder de Tiro conhecido é Hirão (971-939 a.C) é registrado na bíblia (1 reis 5.2. Salomão faz aliança com Hirão, rei de Tiro) Hirão colaborou com o Rei Salomão na construção do Primeiro Templo

semíticas, mas sua identidade étnica e sua origem continua sendo um mistério (MARKOE, 2000. p. 12), enquanto que "púnico" identifica o cartaginês ou qualquer semita que habitava a região do Mediterrâneo Ocidental a partir da metade do século VI a.e.c. (AUBET. 2001. P. 13), mas para Momigliano (1993. P 4-6) a imagem negativa do cartaginês não era extensiva aos gregos, nem antes e nem depois das Guerras Romanas-Cartaginesas. Plauto utilizou em suas peças (212- 186 a.e.c.) o termo *Poenus* além *de Cartaginiensis*. Enio[28] em seus Annales (203 a.e.c.) também usou os mesmos terno *Poenus* e *Cartaginiensis*, portanto se verifica que os etinônimos usados eram os dois e com o passar dos tempos o termo púnico foi estabelecido como sinônimo de cartaginês (SILVA, 2010. P. 05).

África é uma palavra de origem latina e muito provavelmente tenha sido introduzida pelos romanos que denominavam a região de *"Africorum"* (Terra dos Afris), mas tudo indica ter sido uma influência dos cartaginenses para os romanos, pois a circularidade cultural no Mediterrâneo era muito intensa. Os fenícios chamavam a capital de Cartago de *"Afri"* e a região de *"Afar"* (cinzas, pó, poeira) no Império romanos fico conhecida como "Terra dos Afri" e com o passar dos anos virou África.

A Palavra África, provavelmente tenha sido derivada da palavra *"Frica"* como era denominado o continente africano desde o fim do século I da era cristã. Verificamos que a palavra latina *"Frica"* significa ensolarado ou do grego *"Aprik"* isento de frio, que muito provavelmente tenha sido retirada de dois termos fenícios: o primeiro que significava espiga (símbolo da fertilidade) e o outro *Pharikia* (região das frutas).[29]

2. NARRATIVAS CONTADA A PARTIR DE UMA VISÃO EUROCÊNTRICA

Os fenícios são apresentados como inventores do alfabeto os cartagineses como comerciantes nada confiáveis e o romanos como grandes vencedores, discurso preponderante no ocidente que vislumbra Grécia e Roma como detentoras dos

[28] Quinto Énio (em latim: Quintus Ennius; Rudiae, 239 a.C. – Roma, 169 a.e.c.) foi um dramaturgo e poeta épico romano
[29] General History of Africa, III: Africa from the seventh to the eleventh century. Paris: UNESCO; Berkley, CA: University of California Press; London: 1988. Pagina 295

parâmetros de desenvolvimento. Ao mesmo tempo, os fenícios (púnicos) ganharam a reputação de piratas e fraudadores, sendo também acusados de infanticidas e prostitutos, de acordo com as fontes clássicas e bíblicas[30] (GARNAND, 1993, p. 03). O certo é que o papel dos fenícios na economia, cultura e política do Mediterrâneo antigo era tão grande quanto o dos gregos e romanos, e profundamente interligado com aquele mundo "clássico", mas a ausência de documentos originais associado a um projeto de silenciamento histórico como instrumento central da alteração da memória do “outro” e ainda somando a acrisia de uma historiografia eurocentrada significa que eles são muito menos conhecidos (QUINN e VELLA, 2014, p.02).

As Guerras Romanas-Cartaginesas e sua postura anti Cartago caíram diretamente nas mãos dos preconceitos orientalistas (VAN DOMMELEN, 1998, p. 22-24), portanto estamos na presença de um conflito que outrora fora travado nos sangrentos campos de batalha em dois continentes, três estados e várias regiões pelas armas dos soldados e que continuou em curso pelos documentos, historiografia e narrativas históricas sob o olhar excludente do vencedor, impondo a Cartago uma derrota permanente. Domenico Losurdo (2020, p. 174 e 253) por sua vez destaca que o ocidente se vangloria de ser herdeiro do trunfo de duas lutas históricas que marcaram profundamente o “ego” ocidental: A Guerra de Roma contra os cartagineses e alguns séculos depois a expulsão dos árabes da Espanha, criando assim uma ideia de mundo fenício, árabe e islâmico como polo antagônico da civilização. Com base na ideologia dominante, o Ocidente apresenta-se como herdeiro da tradição “grego-romano-judaico-cristã”.

A construção de um passado fenício sob o olhar greco-romano se beneficiou pela maneira como as coisas materiais foram descontextualizadas por várias gerações de colecionadores, exploradores, historiadores da arte, arqueólogos, cineastas e romancistas indicando maneiras como essas coisas foram representadas e disseminadas (QUIN E VELLA, 2014.p.25).

[30] Na Bíblia, os fenícios são inimigos colocados contra os israelitas; nas narrativas regionais, os fenícios são os ancestrais dos libaneses (maronitas e drusos), não dos israelenses e nas narrativas ocidentais, os depravados-fenícios são árabes muçulmanos colocados contra os romanos (GARNAND, 1993, p. 22).

Existem vários outros pontos de contato entre Cartago e Roma que segundo Said era uma simbiose com trocas de experiências entre culturas, uma comunicabilidade que transcorria de maneira dialógica, circular de forma mútua e reciproca "Todas as culturas estão mutualmente imbricadas; nenhuma é pura e única, todas são hibridas e heterogêneas, extremamente diferenciadas, sem qualquer monolitismo *[...] a maneira como formulamos o passado molda nossa compreensão do presente"* (SAID, 1993.p36). Essa afirmação nos leva a crer que ninguém tem pleno significado sozinho, um coexiste com o outro como acrescentou Carlo Ginzburg (1987, p. 13). Os pontos de contato entre Cartago e Roma se estabeleceram pelo relacionamento circular feito de influências reciprocas, que se moveram de baixo para cima, bem como de cima para baixo.

A cultura de resistência faz parte de um estudo para recuperar os domínios culturais que foram perdidos no tempo por uma força descomunal que invadiu as mentes dos povos dos países periférico, através de conceitos moralistas e teológicos que não respondem as necessidades materiais essenciais para uma vida digna na terra. A história não está imune a contradições, mas devemos caminhar com passos largos para uma história menos eurocêntrica. As narrativas historiográficas podem conter um projeto ocidentalista de dominação, mas nós podemos dissecá-la como um arqueólogo faz com seu material de estudo para encontramos o que ali está, muitas vezes escondidas servindo de referencial silencioso para o conhecimento histórico.

2. 1. A POSSE DA HISTÓRIA

Uma das maneiras mais eficazes de dominação é ter o domínio e a posse da história do outro! Possuir a história do outro é uma maneira muito poderosa para adquirir outras formas de domínio, construindo um discurso narrativo que amplie seus poderes ao logo da história. Para o historiador e antropólogo Jean-Pierre Vernant, ultrajar o cadáver não garantia uma bela morte, mas para Roma que "ultrajou" a história de Cartago modificando uma alteridade que foi construída nos padrões desejado garantindo uma edificante e gloriosa vitória sobre um passado cartaginês ausente. Tiraram de Aníbal sua identidade ao transformá-lo num sanguinário púnico, aquele que comete crimes e

torturas, e que possuía conexão com o deus semita Moloch[31], o deus que exigia o sacrifício de crianças e que findou sua vida cometendo suicídio, em suma um homem que não tem apreço a própria vida.

Cartago deixou uma enorme marca sobre os romanos e através de Aníbal Barca, personagem presente até hoje no imaginário social romano. Podemos através da ajuda da antropologia coletar dados que possam nos ajudar a montar o grande mosaico sobre Cartago que permanece adormecido principalmente na historiografia ocidental, que se ocupa com muita ênfase nas estratégias do general Aníbal e muito pouco no consciente coletivo da sociedade cartaginesa, principalmente porque Aníbal viveu muito pouco tempo em Cartago, distanciando-se das características do povo médio de Cartago.

> (...) Como todo Direito pressupõe uma desigualdade. Todo direito consiste na aplicação de uma medida única a diferentes pessoas, as quais, de fato, não são nem idênticas nem iguais; por isso, o "igual direito" equivale uma violação da igualdade e da justiça" (Lenin, 2017.p. 118)

É importante estar sempre atento ao Poder de Construção das narrativas que possuem no seu corolário a habilidade/capacidade de moldar o pensamento, narrando os acontecimentos direcionados os fatos a um projeto proposto e com isso propiciando que mais uma vez a grande ausente seja a história.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central dessa pesquisa foi determinar um olhar simétrico sobre Cartago apoiada numa abordagem teórica do pós-colonialismo, onde nos predispomos a questionar conceitos, terminologias e outros paradoxos, que guiaram a historiografia europeia do século XIX, estabelecendo padrões civilizatórios, excluindo a minoria do discurso totalizante, operadas por uma produção textual moldada nos conceitos ocidentais, onde narrativas deslocadas criaram historias a favor dos vencedores em contraposição aos vencidos. Na medida em que qualquer conjunto de ideias sobrevive

[31] O Deus Moloch comumente representado como um homem com uma cabeça de bezerro que ficava sentado em um grande trono. Conta-se que consistia em sacrificar bebês recém-nascidos em nome da divindade.

ao tempo, deixa de estar limitado a sua intenção e seu conteúdo original. É natural que se verifique uma gama ampla de mudanças, interpretações e transformações[32].

Cartago poderia ser uma história de migração, uma história de conquistas, uma história de mercadores e comerciante, de grande peritos na técnica de navegação ou mesmo uma história de um povo que trouxe diversas outras contribuições culturais de extrema relevância, como por exemplo a agricultura, pecuária, alfabeto, entre tantos outros aportes dado por uma forte conectividade cultural presente no Mediterrâneo Antigo, mas a história que preponderou foi sobretudo a história dos vencedores, onde argumentos produzidos serviram de amparo a "verdades" construídas.

Evitei usar o termo Guerras Púnicas, entendendo ser uma "correção histórica", pois os relatos dessa guerra foram escritos por historiadores romanos e gregos que relacionaram o fenômeno bélico entre Roma e Cartago com seu efeito final – através de uma explicação teleológica[33], por intermédio das intenções ou das razões de agir, realização plena e exequível do espírito humano, pois sabiam que Cartago seria destruída e um povo aniquilado (BELFORT, 2023). Não existe relatos por parte dos Cartagineses, portanto uma história sem a versão cartaginesa sobre o conflito não pôde ser decifrada, nem interpretada unilateralmente. Em última análise o nome dado (guerras púnicas) pelos documentos e repetido pela historiografia remete uma guerra feita pelos cartagineses, onde lutaram contra Roma que supostamente teria se defendido dentro da perspectiva da dita Guerra Justa *(Bellum Justum)*, doutrina do direito greco-romano de uma guerra moralmente aceita, portanto, uma guerra é nomeada como uma guerra justa se for justificada (*jus ad bellum*) e realizada (*jus in bello*) de modo reto. Segundo o professor Géza Alfoldy, Roma tinha um desejo racional de alargamento (expansão) territorial, para resolver seus problemas internos (guerras civis). (ALFOLDY, 1989.p.42)

[32] HOBESBAWN, Eric. Como mudar o mundo. São Paulo. Companhia das Letras, 2011.p. 312

[33] Teoria característica do hegelianismo e seus epígonos, segundo a qual o processo histórico da humanidade é explicável como um trajeto em direção a uma finalidade.

Partido dessa análise propomos o uso de Guerras Romanas-Cartaginesas, justificando que as partes responsáveis pelos conflitos tiveram participações diretas de ataques e defesas, de quebra de tratados e interesses comerciais e anexionistas na mesma proporção movidas pelas mais diversas razões.

O termo Púnico usado pelos documentos romanos, documentos senatoriais e historiografia ocidental, não é adequado, pois púnico significa aquele que não é confiável, aquele que não tem palavra, que é desleal e age de má-fé. Portanto para uma leitura onde há uma paridade de valores o nome que considero mais adequado e que foi usado nessa pesquisa seria Guerra Romana-Cartaginesa.

A guerra de Roma contra Cartago passou a ser usada como um símbolo da luta do colonizado contra o colonizador. Aníbal foi reivindicado por Mu'ammar Gaddafi que colocou o nome do seu filho mais novo de Aníbal, Fidel Castro e Ho chi Minh, fazem reiterados elogios a personalidade de Aníbal[34]. Em suma foi imposta a Cartago o silêncio constrangedor dos perdedores, mas quando um grupo humano desaparece, ficamos mais pobres, perdemos línguas, histórias, mitologias e visão de mundo, perdemos o universo mítico[35].

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBET, Maria Eugenia. The Phoenicians and the West Politics, colonies, and trade. Tradução de Mary Turton. 2ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

_____. Tiro y las colonias fenícias de ocidente. Editora Bellaterra, Barcelona, 1987

BHABHA, Homi. The location of culture. London/New York: Routledge,1994.

DROYSEN, Johann . Alexandre, o Grande. Tradução Regina Schöpke e Mauro Baladi, Título original: Geschichte Alexanders der Grossen Editora Contraponto, 2010

FLAUBERT, Gustave. Salambô. Belo Horizonte. Editora Itatiaia, 2005

[34] Ramonet, Ignacio. Fidel Castro: Biografia a duas vozes. S.P., Ed, Boitempo, 2021. pp. 189-510-511

[35] Sydney Possuelo, indianista, ativista social e etnógrafo brasileiro, considerado uma autoridade sobre os povos indígenas isolado do Brasil (Programa Roda Viva, 13 de junho de 2022 – TV Cultura)

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um Paradigma Indiciário. In: Mitos, emblemas e sinais: Morfologia e História. Tradução Feredico Carotti. São Paulo. Companhia das Letras, 1999.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves leite. A África na sala de aula: visita à história contemporânea. São Paulo: Selo Negro, 2008.

HOBSBAWN, Eric, RANGER, Terence (orgs.). A invenção das tradições. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006.

HOYOS, Dexter. Hannibal's Dynasty: Power and Politics in the Western Mediterranean, 247-183 BC. London and New York: Routledge, 2003

_____. Livy: Hannibal's War, books 21–30, Introduction, Notes etc., Oxford World Classics, Oxford University Press, Oxford, 2006.

_____. Truceless War: Carthage's Fight for Survival, 241–237 BC, Brill, Leiden, 2007.

_____. Carthage at war: Sicily, Carthaginian Peoples of the Ancient World. Londres, Nova York: Routledge, 2010.

_____. Mastering the west: Rome and Carthage at war. London: University of Oxford, 2015.

_____. Carthage. Londres, Nova Iorque, Routledge, 2021.

LENIN, Vladimir. O Estado e a Revolução. São Paulo: Editora Boitempo, 2017

LOSURDO, Domenico. Liberalismo entre a civilização e a barbárie. São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 2021.

_____. A Linguagem do Império. São Paulo: Editora Boitempo, 2020

_____. Colonialismo e Luta Anticolonial, São Paulo: Editora Boitempo, 2021

MARX, Karl, O 18 de Brumário de Luís Bonaparte, SP: Boitempo Editorial, 2011.

MARKOE, G. E. Phoenicians. Los Angeles: University of California Press, 2003.

PRAG, Jonathan R. W. Poenus plane est – but who where the 'Punickes'? Papers of the British School at Rome. London: The British School at Rome, v. 74, pp. 1-37. 2006.

SAID, Edward W. Cultura e Imperialismo. Tradução Denise Bottmann. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. Orientalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. Fora do lugar, Memórias. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. (orgs.). Política e identidades no Mundo Antigo. São Paulo: Annablume, 2009, pp. 147-16.

TROUILLOT, Michael Rolph. Silenciando o Passado: Poder e Produção da História Tradução, Sebastião Nascimento. Curitiba: Huya editorial, 2016.

VAN DOMMELEN, P. On Colonial Grounds: A Comparative Study of Colonialismand Rural Settlement in 1st Millennium bc West Central Sardinia, (Archaeological Studies, Leiden University 2). Leiden University, 1998.

XELLA, P. Per un “modello interpretativo” de tofet: il Tofet come necropoli infantile? In: BARTOLONI, G. et al. (Ed.). Tiro, Cartagine, Lixus: nuove acquisizioni. Rome: Università di Roma La Sapienza, 2010, p. 259-79.

4.1. REFERÊNCIAS INSTRUMENTAIS

CHAKRABARTY, Dipesh. A Poscolonialidade e o Artifício da História. Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past, nº 11, pp.247-277, 2020.

BELFORT, Bernardo Araujo Bastos. O protagonismo de Cartago em comparação com Roma no Mediterrâneo Antigo. Dissertação apresentada, como requisito para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós- Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, orientadora: Prof. Drª. Maria Regina Candido. 2023

GOLDMAN, Elisa. O jogo de espelho das colonizações: nacionalismo e pós-colonialismo na obra de Edward W. Said - Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Política, Orientador: Prof. Dr. Oswaldo Munteal Filho. 2014